

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

**Avaliação na Educação Infantil: registros do processo de aprendizagem
de crianças de 0 a 2 anos – contribuições teóricas e concepções de
professores**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

JULIANA CORRÊA MOREIRA

**Santa Maria, RS, Brasil.
2013**

**Avaliação na Educação Infantil: registros do processo de aprendizagem
de crianças de 0 a 2 anos – contribuições teóricas e concepções de
professores**

por

JULIANA CORRÊA MOREIRA

Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil, Área de Concentração em Educação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Especialista em Docência na Educação Infantil.**

Orientadora: Prof. Dr^a. Débora Teixeira de Mello

**Santa Maria, RS, Brasil
2013**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

**Avaliação na Educação Infantil: registros do processo de aprendizagem
de crianças de 0 a 2 anos – contribuições teóricas e concepções de
professores**

Elaborada por
Juliana Corrêa Moreira

Como requisito parcial para obtenção do grau de
Especialista em Docência na Educação Infantil

COMISSÃO EXAMINADORA:

Profa. Dra Debora Teixeira de Mello

Profa. Dra. Simone de Freitas Gallina

Profa. MS Daliana Loffler

Santa Maria, julho de 2013.

RESUMO

Trabalho de Conclusão de Curso

Centro de Educação

Universidade Federal de Santa Maria

AVALIAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: REGISTROS DO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DE CRIANÇAS DE 0 A 2 ANOS – CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS E CONCEPÇÕES DE PROFESSORES

AUTORA: Juliana Corrêa Moreira

ORIENTADORA: Débora Teixeira de Mello

Data e Local da Defesa: Santa Maria, julho de 2013.

O presente artigo faz considerações sobre avaliação na educação infantil, com enfoque no registro dos processos de aprendizagem de crianças de 0 a 2 anos (berçários). A pesquisa foi realizada em uma escola da rede pública de ensino municipal de Santa Maria, e busca investigar as concepções de aprendizagem, avaliação e registros de quatro professoras que atuam nas turmas de berçário. No contexto dessa pesquisa a documentação pedagógica é considerada como uma nova possibilidade de acompanhamento dos processos de desenvolvimento infantil dos bebês, por ser uma prática que mais se aproxima das orientações presentes nas Diretrizes Curriculares da Educação Infantil/2009 no que se refere à avaliação. A relevância do estudo desta temática avaliação na educação infantil reside na importância de esclarecer dentro das práticas pedagógicas com crianças pequenas, o processo de avaliação, uma vez que ela perpassa desde o planejamento das ações, até a observação e registro das interações e aprendizagens que ocorrem no cotidiano de uma sala de aula. Considera-se também a importância dessa discussão para a formação continuada dos professores que atuam na educação infantil.

Palavras-chave: Avaliação. Educação Infantil. Documentação Pedagógica

ABSTRACT

ASSESSMENT IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION: RECORDS OF THE LEARNING PROCESS OF CHILDREN FROM 0 TO 2 YEARS - CONTRIBUTIONS AND THEORETICAL AND TEACHERS'S CONCEPTS

AUTHOR: Juliana Moreira Corrêa

TUTOR: Debora Teixeira de Mello

Defense Date and Place: Santa Maria, July 2013.

This article raises questions about assessment in early childhood education, focusing on the record of the children's learning processes. The research was conducted in a public school at Santa Maria, investigating the concepts of learning, assessment and records of four teachers who work in nursery classes. In this context, researching pedagogical documentation is considered a new possibility of monitoring procedures of child development, as a practice that is closest to the guidelines contained in the Children Education Curriculum Guidelines/2009 with regard to evaluation. The relevance of this study of the assessment in early childhood education is the importance of clarifying within the pedagogical practices with small children, the evaluation process, once it goes through from planning actions to the observation and recording of interactions and learning that occur everyday in a classroom. It is also considered the importance of this discussion for the continuing education of teachers working in early childhood education.

Keywords: Evaluation. Early Childhood Education. Pedagogical documentation

SUMÁRIO

1. MEMORIAL.....	06
2. INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA.....	10
3. CONTEXTUALIZANDO A EMEI PESQUISADA.....	11
4. HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO INFANTIL E MARCO LEGAL..	13
4.1 Breve histórico da educação infantil no município de Santa Maria.....	15
5. PLANEJAMENTO PEDAGÓGICO COM BEBÊS: registros.....	17
6. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE AVALIAÇÃO.....	19
7. A DOCUMENTAÇÃO PEDAGÓGICA: um processo em construção.....	21
8. ANÁLISE DO PPP E CONCEPÇÕES DE PROFESSORES.....	24
9. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	32
10. REFERÊNCIAS	32

MEMORIAL

“Tem gente que é só passar pela gente que a gente fica contente. Tem gente que sente o que a gente sente e passa isso docemente. Tem gente que vive como a gente vive, tem gente que fala e nos olha na face, tem gente que cala e nos fazem olhar. Toda essa gente, que convive com a gente, leva da gente o que a gente tem, passa a ser gente dentro da gente. Um pedaço da gente em outro alguém.” Fernando Sabino.

As palavras de SABINO (1975) me fizeram recordar de muitas pessoas que me acompanharam em algum momento de minha vida, e que de uma maneira ou de outra, contribuíram para que eu me tornasse a pessoa que sou e fizesse as escolhas que fiz. Minha família, meus amigos, meus professores, que deixaram suas marcas e “passaram a ser gente dentro de mim”.

Vasculhando minhas memórias na busca das trilhas que segui para chegar onde estou, me dei conta de que escola e as crianças sempre fizeram parte da minha vida. Ainda lembro o meu primeiro dia de aula. Minha mãe levou-me pela mão até a fila, esperou pela minha professora, as duas trocaram algumas palavras. Meus colegas choravam, seguravam suas mães, mas a minha beijou-me e, logo se foi. Não tinha vontade de chorar. Lembro que aquele imenso lugar me chamava muita atenção, as imagens, os sons, os aromas... minha mãe conta que de seus três filhos, eu sempre fui a mais encantada com a escola. “Tinha mesmo que ser professora”, ela sempre fala..

Venho de uma família de professores. Mesmo aqueles que não buscaram esse caminho, acabaram trilhando por ele. Minha mãe, apesar de não ser professora, trabalhou em uma escola durante quase 20 anos, ambiente no qual estudei, cresci e decidi ser professora. Também relutei em seguir esse caminho, talvez por escutar de meus tios sobre os desafios e desencantos da profissão. Mesmo assim me sentia atraída por ela, pois sempre fui fascinada por tudo que envolvia a docência, mesmo sem entender muito bem o que ela significava.

Sobre as crianças... sempre gostei de estar com elas. Sempre me maravilhei com sua alegria, com suas descobertas, com as possibilidades de

seu “vir a ser”. Sou a mais velha dos netos de meus avós, e desde sempre convivia com meus irmãos e primos mais novos.

Sob o olhar da sociedade, gostar de crianças, assumir seu cuidado e sua educação é considerado como algo que faz parte da natureza da mulher, e este olhar foi lançado sobre mim desde muito cedo. Comecei a trabalhar muito jovem, com 13 anos (início de 1990), sempre cuidando de crianças, pois demonstrava bastante habilidade com elas. Apesar de todos na minha volta dizerem isso, a escolha da Pedagogia veio muito tempo depois. Após prestar dois vestibulares para outra área, sem sucesso, no ano de 1996 (então com 20 anos), fui convidada pela diretora da escola onde minha mãe trabalhava para ser auxiliar da professora responsável pela creche, que atendia cerca de 45 crianças de 3 a 5 anos.

Nesta época, ainda não havia a preocupação com a formação de profissionais para trabalhar com crianças pequenas. Eu não tinha nenhuma qualificação para esse trabalho, a professora responsável tinha formação em Estudos Sociais e suas auxiliares eram meninas que estudavam na escola e viviam sob o regime de internato. A única professora com formação em Pedagogia era a professora da pré-escola, que funcionava no mesmo prédio, mas que não se envolvia no trabalho pedagógico da creche. Isso demonstra claramente a concepção de Educação Infantil que permeava as práticas naquela época. Aos menores de 5 anos, era apenas necessário prestar os cuidados básicos de higiene e alimentação, para que pudessem passar as horas em que seus pais estivessem no trabalho.

Embora não tivesse a formação adequada, e dentro das condições que possuía, a professora responsável pela creche procurava fazer um bom trabalho com as crianças e orientar da melhor forma possível a mim e às outras auxiliares. Era uma pessoa bastante dedicada, e exercia essa função, na época, há pelo menos 13 anos. Sua experiência vinha do que vivia em seu dia a dia, em seu fazer docente. Com ela aprendi muito, e foi a partir desta experiência que escolhi de fato ser professora.

Paulo Freire (1991), diz que

Ninguém começa a ser educador numa certa terça-feira as quatro à tarde. Ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz educador, a gente se forma, como educador, permanentemente, na prática e na reflexão sobre a prática. (FREIRE, 1991, p. 58)

Pois bem, decidida a ser professora e ciente da necessidade de formação, prestei vestibular para Pedagogia – habilitação para os anos iniciais no ano de 1998. Formei-me pela Universidade Federal de Santa Maria no ano de 2002 e atuo neste nível de ensino desde então, sempre na rede pública (inicialmente trabalhei no município de Itaara). Logo que comecei a trabalhar, alfabetizar se tornou a minha paixão.

No ano de 2007, solicitei o apostilamento para a educação infantil, mas ainda não tinha a intenção de atuar junto à crianças pequenas. Em 2008, a Prefeitura Municipal de Santa Maria realizou concurso para o provimento de vagas na Educação Infantil e no Ensino Fundamental. Concorri para os dois níveis e em 2010 fui nomeada para o magistério da Educação Infantil. A Secretaria de Educação encaminhou-me, então, para uma escola onde deveria assumir uma turma de Pré B. No entanto, por uma questão de organização interna da escola, fui designada para a turma de Berçário I.

Levei um choque. Havia trabalhado na educação infantil há muito tempo, e como auxiliar. Minha experiência com bebês vinha da época em que era babá, mas agora eu seria *professora*. E isso tem uma denotação bem diferente de tudo o que já havia vivenciado profissionalmente. O que trabalhar com crianças tão pequenas?

Mesmo um pouco apreensiva, assumi o compromisso e comecei a atuar na turma do berçário, que acabou se tornando uma outra paixão. O trabalho era árduo, a turma era bastante numerosa. Todos os dias, eu e duas auxiliares atendíamos 20 crianças.

Como conhecia pouco sobre o trabalho com bebês, comecei a buscar saber sobre o assunto, primeiramente dentro da própria escola, com as professoras mais experientes. Logo constatei que elas estavam, em sua maioria, nas turmas de pré-escola. Percebi que na concepção da escola, o

trabalho no berçário ainda estava muito atrelado somente ao cuidar: o importante era mantê-los alimentados e limpos.

Não concordava com essa postura, pois sempre pensei que essa fase da vida é fundamental para desenvolver as estruturas cognitivas da criança, sempre acreditei na importância da estimulação para o seu crescimento. Comecei a buscar leituras para realizar um planejamento de qualidade E assim, fui estudando e experimentando em meu planejamento, novas experiências buscando realizar um trabalho de qualidade com os bebês tentando articular o cuidar e o educar.

No ano de 2011, trabalhando em uma turma de maternal I, os desafios continuaram, principalmente com relação ao planejamento. Da mesma forma, comecei a buscar alternativas para desenvolver com as crianças, de forma que contribuíssem para o seu desenvolvimento.

O grupo dessa escola, nesta época, era composto por muitas professoras recém-nomeadas, e nas reuniões conversávamos e discutíamos sobre as questões que nos inquietavam. Dessa forma, construíamos coletivamente o nosso conhecimento e procurávamos superar, juntas, algumas concepções ultrapassadas, com fortes tendências assistencialistas, que ainda estão bastante presentes na escola, principalmente quando se trata de bebês e crianças até 3 anos. Aprendi muito com minhas colegas naquele ano, trocando experiências, pesquisando e discutindo sobre o trabalho pedagógico específico da creche.

Uma das questões que mais me inquietava no trabalho específico com as crianças menores de 3 anos é a da avaliação e o registro de sua aprendizagem. Todo final de semestre, acontece uma movimentação bastante característica nas instituições de Educação Infantil. Nas reuniões pedagógicas começam as cobranças e pressões para organizar um “produto”, o resultado concreto do que as crianças produziram ao longo deste período, para dar uma satisfação à comunidade escolar acerca do trabalho realizado. Começa, então, a maratona de “juntar os trabalhinhos”, e discussões para definir qual a melhor forma de organizá-los - Portfólios? Álbum de atividades? - É preciso também escrever o parecer descritivo, que deve ser “o retrato da criança para a família”.

Para atuar na educação infantil, tendo a *permissão* das crianças para presenciar suas conquistas e descobertas, compartilhar suas alegrias e tristezas, é imprescindível questionar: Há clareza de como divulgar os resultados da prática pedagógica? O portfólio, álbum de atividades, o parecer descritivo, ou a combinação de todos é a melhor forma de retratar o percurso feito pelas crianças em sua aprendizagem? Como deve ser feito esse registro, fundamental para o planejamento da prática pedagógica e para dar ciência à família e à própria criança sobre o seu desenvolvimento?

1) Introdução e Justificativa:

O interesse em abordar o tema da avaliação e do registro do processo de aprendizagem no berçário surgiu das reflexões feitas a partir de leituras realizadas e de discussões ocorridas no curso de Especialização em Docência na Educação Infantil.

A avaliação é um instrumento de reflexão do professor sobre a sua prática, a partir da qual deve reestruturar as ações para melhor orientar as aprendizagens infantis. As Diretrizes Curriculares para a Educação Infantil (DCNEIS /2009) que norteiam o trabalho a ser realizado nas creches e pré-escolas orientam que a avaliação deverá ser feita mediante a observação crítica dos acontecimentos significativos do cotidiano de cada criança, e do grupo, expressos através de diferentes formas de registro, realizados por adultos e crianças. (Brasil, 2009)

Neste sentido, a importância em aprofundar o estudo da temática avaliação na educação infantil reside na sua relevância dentro das práticas pedagógicas com crianças pequenas. Uma vez que ela perpassa todo o processo de ensino aprendizagem, desde o planejamento das ações pedagógicas até a observação e registro das interações e aprendizagens que ocorrem no cotidiano de uma sala de aula.

Sendo assim, este estudo teve como objetivo principal verificar e refletir sobre as formas de registro e as concepções de avaliação do processo de aprendizagem de crianças de 0 a 2 anos, presentes nas práticas pedagógicas

dos professores que atuam neste nível da educação infantil, refletindo sobre tais concepções e estabelecendo relações com a questão da formação docente, além de discutir novas possibilidades de registro e acompanhamento.

A metodologia adotada para esse trabalho pauta-se em uma abordagem qualitativa, nos moldes da pesquisa-ação, que pressupõe o contato direto do pesquisador com o ambiente ou situação a ser investigada, e envolve a obtenção de dados descritivos que precisam ser analisados, a partir do contexto, onde ocorrem, e são fortemente influenciados por ele (MARLI, 1986, p. 12 -13).

Segundo SEVERINO (2007), a pesquisa-ação, “(...) ao mesmo tempo que realiza um diagnóstico e a análise de uma determinada situação, propõe ao conjunto de sujeitos envolvidos mudanças que levem a um aprimoramento das praticas analisadas”. (p. 120). O local escolhido para a realização da pesquisa foi uma das maiores escolas de educação infantil do município de Santa Maria-RS, onde atuei por 3 anos. O instrumento utilizado para a coleta de dados foi a entrevista semi-estruturada com quatro professoras que atuam/atuaram nas turmas de berçário desta instituição.

Como fonte documental, será analisado o Projeto Político Pedagógico da escola, que levará em consideração as referências que se fazem com relação à avaliação e aos berçários. Utilizou-se também a pesquisa bibliográfica, buscando suporte teórico para o aprofundamento das questões sobre avaliação e seu registro na educação infantil, mais especificamente no que se refere ao trabalho com bebês.

3. Contextualizando a EMEI Pesquisada:

A escola onde foi realizada esta pesquisa está localizada em uma área em processo de urbanização, onde havia uma antiga invasão, na região Sul de Santa Maria. Atende aproximadamente 375 crianças de 6 meses a 6 anos, das 8h às 17 horas, distribuídas em 17 turmas que vão de berçário à pré-escola.

A equipe diretiva é composta por diretora e vice-diretora, eleitas seguindo os preceitos da Lei de Gestão Democrática e duas coordenadoras

pedagógicas, uma para cada turno. Segundo dados do Projeto Político Pedagógico da escola, todas as professoras que atuam na instituição possuem formação em Pedagogia, com especialização na área da educação, sendo que quatro possuem titulação de mestre (entre elas, uma das coordenadoras pedagógicas). É oferecido atendimento especializado para crianças portadoras de necessidades educacionais especiais, realizado por educadora especial.

A escola possui uma excelente estrutura física, com salas bem arejadas, obedecendo as exigências de salubridade. Todas as salas têm saída direta para a área externa (solários e pracinhas). As salas das turmas integrais (berçários e maternas) estão sendo equipadas com condicionadores de ar para oferecer maior conforto térmico às crianças.

Apesar do espaço privilegiado, a escola não possui salas destinadas à brinquedoteca ou biblioteca: os brinquedos ficam disponibilizados nas salas de aula, mais ou menos classificados de acordo com os níveis. Alguns jogos ficam armazenados junto aos livros, em um armário na sala da direção, onde as professoras podem pegar quando necessitam. Todas as salas, com exceção da sala da direção/secretaria, cozinha e refeitório, são destinadas às salas de aula, em função da crescente demanda por vagas.

As turmas onde foi realizada a pesquisa, atendem crianças de 6 meses à 2 anos, num total de 67 crianças, sendo uma turma berçário I com 23 alunos, atendidos em regime integral, e duas turmas de berçário II, uma integral com 26 crianças e uma turma que atende somente à tarde, 18 crianças.

O Berçário I possui uma professora responsável, que conta com três auxiliares por turno, estagiárias do CIEE (Centro de Integração Empresa-Escola), cursando o ensino médio, todas oriundas da própria comunidade.

A escola oferece duas turmas de Berçário II, sendo uma integral, atendida por uma professora e três auxiliares por turno (apenas uma cursando nível superior, as demais, ensino médio). A outra turma atende apenas pela tarde, tendo uma professora responsável e duas estagiárias.

As salas de aula têm tamanho padrão, e é neste espaço onde está disposto o mobiliário e onde acontece a prática pedagógica com as crianças.

Cada sala é equipada com berços (10 no BI e 7 no BII Integral), duas estantes com brinquedos, parcialmente ao alcance das crianças; dois armários para armazenar roupas e materiais; tatames e espelhos. Ambos os espaços possuem um fraldário, com pia para a realização da higiene das crianças. Dispõem ainda de uma área externa privativa (solário), onde as crianças realizam atividades recreativas, com exceção do Berçário II vespertino, que funciona em uma sala adaptada. O berçário I faz as refeições na sala de aula, e o berçário II utiliza o refeitório a partir do segundo semestre, quando as crianças adquirem maior autonomia para locomoverem-se e alimentar-se.

4. Histórico da Educação Infantil e Marco Legal

Creches e pré-escolas existem há muito tempo, mas a forma como se estrutura atualmente a educação infantil, é algo bem recente, e, pode se dizer, ainda está em construção. Ao analisarmos a história da criação de instituições de educação infantil no Brasil, percebemos que ela tomou rumos distintos, se considerarmos a clientela atendida. No final do século XIX, as primeiras iniciativas de instituições voltadas para a criança - os chamados Jardins de Infância, inspirados nas escolas de Froebel - introduziram crianças a partir dos 3 anos nas artes (desenho e pintura), atividades físicas, jardinagem, linguagem, cálculos, história e geografia, evidenciando seu caráter educacional, voltadas para as crianças da elite.

No mesmo período, o aumento da mão de obra feminina nas fábricas e o movimento dos sindicatos por melhores condições de trabalho e atendimento de seus filhos em instituições adequadas mobilizam os empresários na construção de creches e instituições de atendimento à criança.

As primeiras creches criadas no Brasil tinham como principais objetivos, atender os interesses do mundo do trabalho - dar condições às mães trabalhadoras, que necessitavam de um lugar para deixar seus filhos - e interesses sociais - retirar da rua as crianças abandonadas, prevenir e combater a desnutrição, formar hábitos de higiene e valores morais nas famílias. O trabalho era voltado somente para o cuidado e proteção, baseada em uma “[...] concepção de educação compensatória, assistencialista,

preocupada apenas com a higiene, alimentação e saúde.” (OLIVEIRA, 2002, p. 93-95)

Com o passar do tempo, a cobrança por instituições de cuidado à infância foram sendo dirigidas ao Estado, pressionando pela criação de creches, escolas maternais e parques infantis por parte dos órgãos governamentais. (OLIVEIRA, 2002, p.96), mas ainda com o enfoque principal no assistencialismo, voltado para crianças das camadas menos privilegiadas da sociedade.

Nas décadas de 70 e 80, um novo rumo começa a ser traçado para a Educação Infantil no Brasil. O ingresso de crianças oriundas de segmentos da classe média e a luta dos movimentos operários e feministas pela democratização da educação pública brasileira pressionam o aprofundamento da discussão acerca dos conhecimentos pedagógicos, que exigem o compromisso com o desenvolvimento infantil e com a construção de conhecimentos pela criança.

Todo esse contexto de lutas e reivindicações de diferentes setores da sociedade na defesa da qualidade do atendimento de crianças pequenas, bem como as discussões estabelecidas no campo teórico-metodológico sobre as contribuições da psicologia do desenvolvimento para a educação, resultam na conquista do reconhecimento da Educação Infantil como um direito da criança e um dever do Estado, assegurados na Constituição de 1988. (CAMPOS,1999)

Na evolução deste processo, a sanção da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB 9394/96 – situa a educação infantil dentro do sistema educacional, incluindo-a como primeira etapa da Educação Básica. Mais do que atender aspectos relacionados à higiene e alimentação, o cuidar passa a estar articulado ao educar e o compromisso agora é com o “desenvolvimento integral da criança, até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade”.(BRASIL, 1996 – artigo 29).

A inserção da educação infantil na educação básica representa o reconhecimento de seu aspecto formativo, valorizando a importância de investir no desenvolvimento integral da criança desde os primeiros anos de vida, para o

exercício da cidadania e para a vida em sociedade, constituindo a infância como o alicerce do desenvolvimento humano.

Uma etapa tão importante da Educação Básica, não pode contar com profissionais despreparados e sem conhecimentos específicos sobre a criança. Neste sentido, a Lei 9394/96, também dispõe quanto a formação exigida para atuar neste nível de ensino: preferencialmente em cursos de pedagogia, admitindo como formação mínima a oferecida em nível médio, na modalidade normal. (art 62) e institui, nas Disposições Transitórias, fixando até 2007 o prazo legal para que os sistemas educacionais adequem-se, admitindo somente professores habilitados em nível superior ou formados por treinamento em serviço (art.87§4) (BRASIL, 1996).

Além da Constituição Federal e da Lei de Diretrizes e bases da Educação Nacional 9394/96, outros documentos legais referem-se a educação infantil como uma importante etapa na formação da criança. A Resolução 05 de 17 de dezembro de 2009 fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, que articuladas às Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica reúnem princípios, fundamentos e procedimentos definidos pela Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação, para nortear as políticas públicas e a elaboração, planejamento, execução e avaliação de propostas pedagógicas e curriculares de educação infantil. (BRASIL, 2010, p.11).

O Plano Nacional de Educação, que estará em vigor de 2011 - 2020, tem entre suas metas a ampliação na oferta de vagas para crianças de 0 a 3 anos para até 50% da população infantil, a universalização do atendimento na pré escola para crianças de 4 e 5 anos, além de mostrar a preocupação com a formação e valorização dos profissionais que atuam junto a este Nível de ensino.

4.1. Breve histórico da educação infantil no município de Santa Maria

Todas estas transformações no âmbito da legislação representaram um grande avanço em termos de formulação de políticas públicas de atendimento à infância. Buscando ajustar-se às novas determinações da lei, e respeitando o

prazo de três anos para a adequação dos sistemas de ensino. definido pela Lei 9394/96, no município de Santa Maria, as creches passaram para a responsabilidade da Secretaria Municipal de Educação a partir do ano 2000, estando anteriormente a cargo da Secretaria de Assistência Social.

Surge então, um novo desafio: colocar profissionais qualificados para atender a demanda de crianças de 0 a 6 anos de idade e realizar o trabalho dentro das especificidades da educação infantil, descritas na LDB 9394/96. Assim, o município de Santa Maria realiza concurso público para o provimento das vagas na educação infantil somente no ano de 2008, iniciando as nomeações no ano de 2009 para os diversos níveis da educação infantil. Até então, somente as turmas de Pré-escola tinham professoras. Segundo informações obtidas com a direção da escola, até as nomeações das professoras aprovadas no concurso de 2008, as crianças de 0 a 3 anos eram atendidas com uma professora por nível, que orientava estagiárias, muitas vezes sem nenhuma formação para este trabalho.

A partir de 2009, as novas professoras nomeadas em concurso público começaram a assumir as turmas para as quais eram designadas. Conhecemos as limitações da formação, no que se referem ao atendimento de crianças de 0 a 3 anos. Em geral, a academia parecia dar maior ênfase para o trabalho com a pré-escola, deixando o trabalho com a creche em segundo plano.

Tendo em vista todo esse contexto de transformação em âmbito nacional e municipal em termos de políticas públicas de atendimento de crianças de 0 a 6 anos, começa a ser pensada em Santa Maria uma nova forma de atuação na creche e na pré escola, o que sinaliza para novas práticas e descobertas, frutos de discussões frente aos problemas e aos desafios impostos pelas novas Diretrizes Curriculares Nacionais (2009), no que se refere à articulação do cuidar e do educar. Surge também a necessidade de formação, exigida pelo corpo docente e pela própria reestruturação da educação infantil.

Sendo assim, no final do ano de 2011, a Universidade Federal de Santa Maria abriu inscrições para o Curso de especialização em Docência na Educação Infantil, para o qual fui selecionada. Vi no curso a oportunidade de

aprender mais e aperfeiçoar a minha prática junto às crianças, especialmente da faixa de idade do 0 aos 3 anos, pois me parece que é onde mais necessita de reflexão e aprofundamento.

Acredito que a formação continuada é de fundamental importância para aprimorar a prática do professor, que através de leituras e discussões qualifica sua prática, compreende melhor a especificidade do seu trabalho, no sentido de perceber-se como um agente de transformação social, torna-se um mediador da relação da criança, com o conhecimento e que essas relações são levadas para toda a sua vida.

Sigo neste caminho, me inquietando e buscando alternativas frente aos desafios, na ânsia de ver as crianças que tenho em minhas mãos terem a oportunidade de viverem uma educação infantil cada vez mais qualificada.

5. Planejamento Pedagógico com Bebês: Registros

Os desafios impostos pelas determinações da Resolução 05/2009 se tornam ainda maiores quando se trata do atendimento de bebês, no que tange à necessidade de articular os conceitos de cuidar e educar, bem como o registro dos processos vivenciados pelos bebês. Nesta sessão, iremos nos debruçar sobre um aspecto fundamental: o planejamento e o registro da atividade pedagógica com bebês.

A Educação Infantil tem por finalidade o desenvolvimento integral da criança, concebendo-a em suas múltiplas dimensões formativas, complementando a ação da família e da comunidade. (Brasil, 1999)

Neste sentido, possui um currículo flexível, onde os conhecimentos se interligam e dialogam entre si, articulando experiências e saberes de diferentes atores – as crianças, suas famílias, os professores, a comunidade. Deve considerar o contexto onde as crianças estão inseridas bem como o patrimônio cultural, artístico, científico e tecnológico historicamente construído pela humanidade. É a partir do currículo que serão definidos os objetivos da nossa ação junto das crianças, trabalhando para sua formação integral, e colaborando para a transformação social.

Em uma turma de bebês, o desafio da organização do trabalho pedagógico está em compreender e acolher as peculiaridades desta fase da infância e de cada bebê, no sentido de planejar atividades que oportunizem processos de desenvolvimento e aprendizagem para cada um e para o grupo.

Para Barbosa:(2010.)

“Os bebês, em seu humano poder de interagir, ou seja, em sua integralidade — multidimensional e polissensorial — negam o “ofício de aluno” e reivindicam ações educativas e POSSIBILIDADES voltadas para a interseção do lúdico com o cognitivo nas diferentes linguagens. A conciliação entre imaginação e raciocínio, entre corpo e pensamento, movimento e mundo exige planejar e promover situações e experiências que possam ser vividas por um corpo que pensa” (p. 93)

O bebê questiona e desafia o currículo e a própria estrutura da escola infantil. É protagonista de sua aprendizagem, constrói o conhecimento e explora o ambiente através de seu corpo e seus sentidos, estabelecendo relações com o mundo físico e social. Por isso exige do professor um planejamento dinâmico, ativo, que articule as dimensões do cuidar e do educar.

Neste sentido, o cotidiano e a rotina de um berçário deve ser planejado levando em consideração o ritmo, a participação, a relação do bebê com o mundo, a realização, a fruição, a liberdade, a consciência, a imaginação e as diversas formas de sociabilidade dos sujeitos nela envolvidos. (BARBOSA, 2006, p.06)

Compreender a especificidade do trabalho pedagógico com bebês é fundamental para definirmos as formas de práticas avaliativas e registro que serão realizadas neste nível da educação infantil, de modo que mostrem de forma eficiente o desenvolvimento percorrido pelo bebê em seu processo de aprendizagem.

Minha formação inicial é para os anos iniciais do ensino fundamental. Atuo neste nível de ensino há quase 10 anos, mas desde que comecei a atuar na educação infantil, tenho muito claro que a sua especificidade é outra, muito particular. Deste modo, penso que o acompanhamento da aprendizagem da criança, nesta etapa da educação básica, deve contar a trajetória que fez em seu processo de aprendizagem.

Quando se trabalha com bebês, isso se torna ainda mais importante, não só para comunicarmos os processos vivenciados pelas crianças na escola, mas também como uma maneira de valorizar o nosso fazer pedagógico e, conseqüentemente, sermos valorizadas enquanto professoras de educação infantil.

Desta forma, é necessário que se reflita, discuta e busque novas formas de registro da aprendizagem do bebê que mostre de fato à família o percurso de sua aprendizagem, suas conquistas e descobertas. Romper com concepções e paradigmas equivocados de avaliação na educação infantil se faz urgente, que considerem realmente o processo de aprendizagem da criança, e não somente o produto.

Para tanto, este artigo se propõe a discutir a avaliação do processo de desenvolvimento infantil em turmas de berçário em uma Escola de Educação Infantil do município de Santa Maria, colocando a documentação pedagógica como uma nova possibilidade de registro e acompanhamento do trabalho com bebês, no sentido de dar maior visibilidade ao trabalho realizado no berçário, contribuindo com uma discussão da ação pedagógica na educação infantil.

6. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE AVALIAÇÃO:

O ato de avaliar está presente em nosso dia a dia, em diferentes momentos e contextos. Pode-se dizer que é algo inerente ao ser humano, que o faz quase que de forma intuitiva, mapeando a realidade para a tomada de decisões, importantes ou corriqueiras, e disso depende o alcance (ou não) de nossos objetivos.

Para Luckesi (2000), a função da avaliação é garantir o sucesso de nossas ações futuras; funciona como o diagnóstico que aponta o resultado de uma atividade, positiva ou negativamente, promovendo a revisão dos processos, dando a oportunidade de refletirmos e buscarmos novos e mais eficientes caminhos.

É, sem dúvida, um ato de investigação, e quando a remetemos para o cenário educacional, deve ser conduzido com rigorosidade metodológica (FREIRE, 1996), onde o professor se assume como um pesquisador, refletindo

a respeito dos efeitos de sua prática sobre cada indivíduo, e sobre o grupo, buscando subsídios para o seu planejamento, (re)definindo o curso de suas futuras ações, na busca de um trabalho de qualidade. Desta forma, a avaliação no contexto educativo assume-se como um ato intencional.

A avaliação tem o papel de fornecer ao professor elementos que torne possível conhecer melhor as crianças com as quais trabalha, as características de cada uma, a forma como se relacionam no grupo, com seus pares e com os adultos, com o ambiente; suas reações diante dos fatos do dia a dia, a manifestação de seus desejos e interesses, o modo como se apropriam, produzem e transformam a cultura onde estão inseridas.

A avaliação permite ao professor que, a partir de suas observações e registros do dia a dia de seus alunos, defina o percurso de suas intervenções no grupo, a fim de que promova o desenvolvimento do grupo, respeitando as peculiaridades de cada criança, o que exige do professor um olhar e uma escuta sensíveis; é parte do “exercício de amorosidade” do ato educativo, do qual se refere Paulo Freire (1996).

No que se refere especificamente à educação infantil, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei 9394/96, destaca que a avaliação deverá ser feita “...mediante acompanhamento e registro do desenvolvimento da criança (...)”, o que se configura em um desafio para muitos profissionais que atuam nesta etapa da Educação Básica, principalmente junto a crianças na faixa do 0 aos 3 anos. Como registrar, avaliar e divulgar os resultados do trabalho desenvolvido a comunidade escolar, em especial, aos pais, de como se dá o processo de desenvolvimento infantil dos bebês?

O parecer 20 (2009) do Conselho Nacional de Educação Básica, que trata da criação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, descreve a avaliação como um instrumento para o planejamento das ações pedagógicas, através da observação sistemática, crítica e criativa de cada criança, nos diferentes momentos, em suas interações, e brincadeiras no cotidiano do grupo, utilizando para isso uma diversidade de registros feitos por todos os envolvidos no processo (adultos e crianças).

Descreve ainda estes registros (fotografias, relatórios, desenhos, álbuns) como imprescindíveis para a compreensão de como a criança se apropria de modos de agir, sentir e pensar culturalmente construídos. (BRASIL, 1999, p. 17), além de auxiliarem o professor a repensar seu planejamento no sentido de promover as aprendizagens infantis. Outra orientação importante das DCNEIS (2009) é que a instituição possibilite à família visualizar o trabalho desenvolvido junto às crianças e o processo de desenvolvimento e aprendizagem vivenciado, através de uma documentação específica.

7. A documentação pedagógica: um processo em construção

Observar e registrar são duas práticas fundamentais para a educação infantil, uma vez que é através delas que o professor acompanha, analisa e interpreta a realidade das crianças, as idas e vindas de seu processo de descoberta, compreendendo as suas realizações e conferindo-lhes sentido e significado.

À documentação produzida a partir da escuta e do olhar atento do professor diante de cada criança e do grupo denominamos de “documentação pedagógica”. Dela fazem parte os múltiplos registros – projetos, planejamentos, anotações do professor, produções das crianças, relatos, pareceres descritivos – que devem retratar o percurso realizado por crianças e adultos em seu processo de interação coletiva.

FOCHI (2012) define que “a documentação pedagógica implica a construção de uma argumentação e de uma narrativa sobre as experiências que crianças e adultos vivem na escola.” (p.19). Ela deixa marcas, vestígios que tornam visíveis os processos de aprendizagem das crianças e as formas de construção do conhecimento individual e do grupo.

Conforme RINALDI (2012) estes materiais “constituem o núcleo temático de uma observação competente: são descobertas parciais, interpretações subjetivas que, por sua vez, devem ser reinterpretadas e discutidas com outros, em especial com os educadores” (p. 110).

A referência mundial em documentação pedagógica é a Itália. No Brasil, essa expressão vem ganhando força desde o final dos anos 90, com a

implementação das DCNEIS/2009, pois é a melhor forma de significar a avaliação nesta etapa da Educação Básica, nos moldes descritos na legislação vigente.

A prática da documentação pedagógica traz a criança para o centro do nosso olhar, nossa escuta e de nossa sensibilidade; considerando-a um ser capaz de decidir e escolher. Exige de nós, educadores, empatia e curiosidade para interpretar suas múltiplas linguagens e compreender a lógica de seu pensamento, suas experiências reais, suas capacidades, sua cultura, seus sentimentos e sua representação do mundo.

A documentação torna possível aos professores sustentar a aprendizagem das crianças, ao mesmo tempo em que os professores aprendem (aprendem a ensinar) com o processo de construção do conhecimento das crianças. (RINALDI, 2012 p.109 e 110)

Assim, a documentação pedagógica se constitui em uma construção coletiva de sentidos e significados partilhados por crianças e adultos envolvidos no processo educativo. Para Barbosa (2012), a realização da documentação pedagógica representa o rompimento com práticas pedagógicas tradicionais, pois pressupõe:

[...] uma prática de documentação que tenha relação com ser interpelado pela criança, pelos pais e mães, por outros educadores, com um modo de estabelecer relações com as infâncias, com os outros adultos, com aquilo que somos e pensamos. (p.10)

Por isso, representa um desafio para muitos educadores, que precisam superar algumas dificuldades derivadas do próprio processo de formação. Assim, a realização da documentação pedagógica representa o esforço docente no sentido de buscar qualificar propostas de formação que contemplem a documentação pedagógica e seu exercício na docência através da discussão e da troca de experiências. A este respeito, Gandini e Goldhaber (2002) colocam que:

A documentação, interpretada e reinterpretada junto com outros educadores e crianças, oferece a opção de esboçar roteiros de ação que não são construídos arbitrariamente, mas que respeitam e levam em consideração todas as pessoas envolvidas. O processo de documentar é capaz de ampliar a compreensão dos conceitos e das

teorias sobre as crianças com a convicção de que, tanto para as crianças quanto os adultos, a documentação serve de apoio aos seus esforços para entender e para se fazer entender. (p.150)

Os processos formativos de professores devem, necessariamente, assumir a reflexão da docência na prática. E neste sentido, utilizar a documentação oferece ao educador a oportunidade de (re)visitar, individualmente ou com seus pares, os eventos e processos dos quais participou direta ou indiretamente. Essa é a ocasião para analisar e interpretar o material produzido a partir das experiências compartilhadas com as crianças, dando sentido e criando novas significações e valores para os acontecimentos do dia a dia, fomentando o planejamento de novas ações e assim [...] “a documentação passa a ser o coração, a especificidade de cada projeto próprio.” (RINALDI, 2012, p.112)

Documentar as experiências e aprendizagens infantis e pensar sobre elas são práticas que devem ser compartilhadas pela escola e pela família, promovendo encontros e discussões que coloquem em prática a educação como processo de transformação.

Neste sentido, a realização da documentação pedagógica não apenas dá visibilidade ao trabalho desenvolvido na escola, mas “desengaveta” o Projeto Político Pedagógico da instituição, pois qualquer um que leia – crianças, pais, colegas - que tenham partilhado do processo de documentação vão nele se enxergar e se reconhecer.

Por fim, me reporto às palavras de RINALDI (2012), quando coloca que “a documentação é esse processo: dialético, baseado em laços afetivos, e também poético; não apenas acompanha o processo de construção do conhecimento como, em certo sentido, o fecunda.” (p.134)

Diante do suporte teórico acerca da documentação pedagógica, a seguir, analisaremos as entrevistas realizadas com os sujeitos da pesquisa, confrontando as concepções presentes na Proposta Pedagógica da instituição e nos planejamentos das professoras que atuam junto às crianças das turmas de berçário do contexto pesquisado.

8. Análise do PPP e Concepções de professores:

Sabendo que a avaliação é parte fundamental do processo de ensino-aprendizagem e serve como base para os professores para a formulação de estratégias de intervenção junto às crianças, realizou-se uma pesquisa de campo em uma escola municipal de educação infantil da região sul de Santa Maria.

A referida pesquisa foi realizada com quatro professoras da escola citada, na qual iremos identificá-las como Professora A, B, C e D. A professora A atua em uma turma de berçário II (em tempo integral), a Professora B atuou por 3 anos no berçário I, desta instituição, a professora C atende o berçário I atualmente em tempo integral e a professora D atua em uma turma de berçário II, que atende as crianças somente no turno da tarde.

Através das entrevistas, procurou-se verificar quais as formas de registro e as concepções de avaliação da aprendizagem dos professores que atuam junto a bebês, no contexto em que foi realizada a pesquisa.

As perguntas iniciais da entrevista tinham como objetivo caracterizar os sujeitos da pesquisa com relação à questão da formação, tempo de serviço, experiência de trabalho na educação infantil e no berçário. As respostas estão descritas no quadro a seguir:

QUADRO I – Sujeitos da pesquisa e formação docente

INSTITUIÇÃO	PROFESSORA	FORMAÇÃO	TEMPO DE MAGISTÉRIO
UNIFRA (Centro Universitário Franciscano)	Professora A	Magistério; Curso superior em Pedagogia (anos iniciais com apostilamento para Educação Infantil; Pós graduação em Gestão escolar, Pós graduação em Educação Infantil (em andamento)	20 anos (14 anos em berçário)

FAFISB (Faculdade de Filosofia de São Borja)	Professora B ¹	Curso Superior em Pedagogia; Pós-graduação em Educação Infantil; Pós-Graduação em gestão educacional pela UFSM.	28 anos Sendo 15 em educação infantil, mas somente 2 anos em berçário.
UNIFRA (Centro Universitário Franciscano)	Professora C	Curso Superior em Pedagogia (habilitação para os Anos Iniciais com apostilamento para a Educação Infantil); Pós-graduação (especialização) Especialização em alfabetização com ênfase em educação infantil e anos iniciais	9 anos, dos quais 4 são na Educação Infantil. É a primeira vez que atua no berçário (3 meses)
UFSM (Universidade Federal de Santa Maria)	Professora D	Curso superior em Pedagogia pré escolar; Especialização em Psicopedagogia (UNIFRA)	9 anos (já atuou em todos os níveis da Educação Infantil) Tem experiência de dois anos no Berçário I e é a primeira experiência no Berçário II.

As demais questões buscavam investigar através da fala dos sujeitos as suas concepções acerca da avaliação e dos registros. Durante as entrevistas, outras questões foram surgindo e trouxeram novos elementos para este estudo. É importante destacar o aspecto da formação e da experiência das quatro professoras no berçário. A professora A tem uma vasta experiência e atua há 14 anos em turmas de berçário. Pode-se dizer que acompanhou toda a transformação ocorrida em termos de atendimento das crianças deste nível da educação infantil, no aspecto legal – do assistencialismo para a atual concepção do cuidar e educar:

Em sua entrevista, essa professora deixa transparecer sua angústia com relação ao atendimento das crianças que estão sob sua responsabilidade. Relata que atende 26 crianças, em tempo integral, e que tem consciência de que não consegue prestar um atendimento de qualidade. Coloca ainda, em sua fala, que acredita que isso vai piorar, pois (...) “a política pública de Santa Maria é atender a faixa etária de qualquer jeito, do jeito que der... e não ampliar

¹ Ao iniciarmos a pesquisa, a Professora B estava atuando junto à turma do berçário I da instituição, compartilhando a turma com a professora C. Em seguida, foi designada para outra turma.

vagas seguindo as determinações legais, das diretrizes, com relação ao número de crianças por professor”. (professora A)

Ao longo do dia, a Professora A tenta por em prática seu planejamento, mas em função do número de crianças, precisa interromper as atividades para acalmar, consolar, pois as auxiliares não são capacitadas para o trabalho e nem sempre dão conta disso.

Com a resposta da professora A, percebemos que apesar dos avanços legais, e das discussões acerca do binômio “cuidar e educar”, ainda há a forte presença do assistencialismo nas instituições de educação infantil, especialmente no que se refere ao atendimento das crianças de 0 a 3 anos. Isso também fica claro em uma das respostas da professora C

Observar, analisar a criança no seu desenvolvimento como um todo. Especificamente no berçário se desenvolve mais a parte de estimulação, sons, gestos, manuseios... E principalmente a parte de cuidar (higiene e alimentação). Têm dias tão agitados que, tomara Deus, eu consiga apenas cuidar deles (professora C)

Neste sentido, analisando as respostas das professoras, podemos perceber que, por motivos diferentes, o trabalho pedagógico com os bebês se configura em um desafio. Para as professoras A e C, pelos motivos descritos acima, e para a professora B, por ter trabalhado por 13 anos com turmas de pré-escola e nunca ter trabalhado com bebês, antes de assumir o berçário na instituição onde foi realizada a pesquisa:

“Quando fui nomeada no município e designada pela escola para assumir o berçário, senti que era um desafio. Tive que me reciclar. Investir em formação. A maior dificuldade que encontrei foi como trabalhar, como adaptar os projetos que a escola propunha para os bebês; buscar atividades diversificadas para esta faixa etária” (Resposta professora B)

Quando questionadas com relação a sua concepção de aprendizagem na educação infantil, as professoras colocam a importância do brincar e da ludicidade para o desenvolvimento integral da criança, além da intencionalidade do professor na proposição e na observação de tais atividades.

Quando solicitado para que as professoras definissem os passos ou o processo de aprendizagem que observavam em suas crianças, no berçário, as professoras A e B colocam que cada criança tem uma trajetória própria, que se dá através das interações no coletivo, com as outras crianças e com os adultos cuidadores. Convém destacar aqui a fala da professora A

“ele se dá principalmente pelas interações: minhas com eles, eles entre eles, eles com os outros adultos... são processos únicos, apesar de o grupo crescer como um todo. percebo que eles vão ganhando palavras, movimentos, repertório de canções... que vão se vendo e vendo o mundo, descobrindo...

Nos questionamentos que se referem especificamente aos registros do processo de aprendizagem da criança, percebemos diferenças com relação à clareza deste conceito e de sua importância para as duas professoras. Quando perguntado a professora A “Como vc registra o processo de acompanhamento da criança? E da turma?”, ela respondeu o seguinte:

“ Da turma tenho feito relatórios, relatórios escritos... breves. e das crianças de diversas formas, por meios dos painéis construídos, das fotos, filmagens... Os relatórios escritos da turma são diários. Nestes, eu registro fatos relevantes, tipo de hoje... este foi o primeiro dia que o Henrique me deu os bracinhos e entrou na sala sem choro brincamos e nos abraçamos e eu disse a ele que agora tudo ia ficar mais legal e segui falando...da turma” (professora A)

A professora A mostra através de suas respostas compreender o sentido do registro não só como um balizador de seu planejamento, mas reconhece a sua importância como uma forma de contar a trajetória da turma e de cada criança no processo de evolução da aprendizagem e também como uma maneira de organizar o material que mostre à comunidade escolar o trabalho realizado no Berçário. Afirma que a visualização do processo de aprendizagem do grupo e de cada criança é feito mediante a observação diária e do registro dos acontecimentos mais significativos do dia.

“Os registros são fundamentais, pois evidenciam o trabalho realizado para a comunidade escolar, valorizam e dão respaldo ao trabalho do professor...além disso, serve para que eu conte a historia de cada criança pra ela mesma, para que ela perceba o quanto é linda e inteligente... é nisso que eu acredito” (professora A)

Ao ser questionada sobre o que vem a ser documentação pedagógica, a resposta obtida foi a seguinte:

É um documento, que é e conta a história da criança para ela mesma, a história dela com a escola e para a escola dela...conta para a família... no fundo do coração eu quero vê-las (as crianças) bem e contentes na minha companhia – sua professora - e na dos amigos, e quero que um dia saibam disto por meio desta documentação.” (professora A).

As respostas da professora A demonstram a preocupação não apenas com o registro e a divulgação de resultados para a comunidade escolar, mas também o seu respeito pela criança, pois a considera como um sujeito ativo, produtor de cultura e de saberes, protagonista de sua história. Um processo de avaliação formativa deve permitir às crianças que acompanhem suas próprias conquistas, dificuldades e potencialidades ao longo de sua trajetória individual de desenvolvimento dentro do grupo.

Esta professora admite que tenha feito o possível para fazer registros satisfatórios, mas que tem achado muito difícil realizá-los a contento, em função do número elevado de crianças.

Avaliar é um ato de permanente reflexão. Para Hoffmann “[...] é acompanhar a construção do conhecimento do aluno. É cuidar que o aluno aprenda, mas este cuidado e este aprendizado em um sentido muito mais amplo, num sentido de desenvolvimento moral e intelectual” (informação verbal)².

No contexto escolar, se dá por uma relação dual, em que há um avaliador e um avaliado – no caso, o professor e o aluno. Fundamentalmente na educação infantil, o professor afeta diretamente a vida da criança quando a avalia.

Neste sentido, é importante destacar o conceito de avaliação mediadora, descrito por Hoffmann (1993)

Avaliação mediadora exige a observação individual de cada aluno, com atenção ao seu momento no processo de construção do conhecimento. Isso exige uma relação direta

² HOFFMANN. J. **Avaliação na Educação Infantil - legislação, pesquisas e práticas** Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=hP2DMHpQNJo>, acesso em 12/03/2013.

com ele a partir de muitas tarefas, interpretando-as, refletindo e investigando teoricamente razões para as soluções apresentadas. (p. 43)

A preocupação evidenciada nas respostas da professora A mostram a sua compreensão no que se refere às relações que estabelece com cada criança e à construção dos registros de sua aprendizagem. A professora A coloca que utiliza para a documentação pedagógica de suas crianças: diários de classe, o seu diário de aula, os projetos que sistematiza e os registros em mídias (vídeos e fotografias) que vai fazendo no decorrer de suas aulas, na realização das atividades.

Já a Professora B, que atuou no berçário por dois anos, tendo uma experiência maior com turmas de pré-escola, quando questionada sobre a visualização do processo de aprendizagem da criança, respondeu que:

(...) é possível visualizar este processo no dia a dia, nas atitudes das crianças, nos relacionamentos. Mas, para isso uma das maneiras de fazer isso é criando um currículo que oriente a criança em sua progressiva inserção no mundo social, no mundo da natureza, e propicie oportunidades para que ela desenvolva linguagens, por meio de sua introdução no mundo da música, da expressão corporal, das representações simbólicas. (professora B)

Essa professora afirma em sua entrevista que realizava os registros da turma e das crianças (...) “através de portfólio escrito e fotografado, além de painéis coletivos”. Em suas respostas, essa professora não deixa claro em que baseava seus registros; uma vez que ela não menciona projetos, relatórios, registros diários. No entanto, reconhece a importância que estes registros possuem no contexto do berçário, quando afirma que “(...) são de suma importância, pois são instrumentos fundamentais de acompanhamento do progresso dessas crianças ao longo do ano.” (professora B)

A professora B não soube responder sobre o que entende por documentação pedagógica.

A professora C, deixa transparecer em sua entrevista que compreende a questão da importância dos registros para acompanhar o desenvolvimento dos bebês. Relata que realiza os registros através de fotos e vídeos, e “sempre que

possível”, procura fazer relatos escritos sobre o desenvolvimento de cada bebê em seu diário. “Estes registros são importantes para analisar e avaliar o desenvolvimento de cada criança e o registro de fotos e vídeos do desenvolvimento das crianças fazem parte do trabalho pedagógico.” (professora C)

Quando questionada sobre o que entendia sobre documentação pedagógica, a professora C respondeu [...] “entendo por documentação pedagógica o plano de estudos, o planejamento, o registro do que foi feito e a avaliação e os faço conforme a exigência da escola”. Afirmou ainda que utiliza como instrumento para a documentação pedagógica os critérios de desenvolvimento descritos no plano de estudos da instituição. No final de sua entrevista, a professora C admite que não sabe se respondeu direito, pois tinha dúvidas sobre o que pensava sobre documentação.

Já a professora D, que possui formação em pedagogia Pré-escolar e pós-graduação em Psicopedagogia, entende a documentação pedagógica:

como um processo que tenta visualizar e entender o que está acontecendo no trabalho pedagógico e o que a criança é capaz de fazer sem qualquer estrutura predeterminada de expectativa e normas. Quando documentamos estamos construindo uma relação com as crianças, incorporamos nestes documentos nossos pensamentos implícitos daquilo que consideramos ações valiosas da prática pedagógica. A documentação traz vivências e saberes que construímos com as crianças.

A professora D afirma que registra o processo de aprendizagem dos bebês através de registros escritos, fotografias e vídeos utiliza o material para refletir sobre a sua prática no sentido de reorientá-la quando necessário.. A professora também afirmou que considera essa fase da vida da criança muito rica, de significativas aprendizagens e que por isso, há a necessidade de construir um instrumento de registro que acompanhe essa trajetória, tornando visível o desenvolvimento da criança e comunicando às famílias o trabalho pedagógico realizado.

Questionei a professora D se ela já havia lido a respeito da documentação pedagógica, a fim de levantar a base teórica que orienta a sua prática. Ela afirmou que sua concepção vem das reflexões que faz do seu fazer pedagógico com bebês.

Ao relacionar as impressões sobre as entrevistas realizadas com professoras que atuam/atuaram nas turmas de berçário da instituição pesquisada, percebemos que suas concepções acerca da avaliação e do registro neste nível da Educação Infantil, estão bastante atreladas ao processo formativo de cada uma. As entrevistas evidenciam que a formação inicial e continuada, realizada pela maioria dos professores, ainda não deu conta de tratar da temática da avaliação na educação infantil, especialmente quando se trata da educação de bebês. Em geral, os professores seguem as orientações da escola, e o que está descrito no Projeto Político Pedagógico ou Plano de Estudos.

O que percebemos com a análise da Proposta Pedagógica da escola pesquisada e o depoimento das professoras é que, apesar de ter garantido o seu direito de acesso à educação infantil, crianças de 0 a 2 anos que frequentam os berçários, em geral, ainda permanecem “invisíveis” dentro das propostas institucionais, sendo dada pouca atenção às questões pedagógicas, privilegiando o aspecto assistencialista, de guarda, para aquelas famílias que necessitam do serviço. Isso se evidencia quando nos deparamos com turmas lotadas de bebês, muitas vezes em espaços inadequados, com auxiliares sem a devida capacitação, professores sobrecarregados. Neste sentido, concordo com HORN (2004), quando afirma que:

Sabemos que anos e anos de uma prática voltada somente para guarda e para o cuidado, de pouca atenção à formação profissional dos educadores infantis e de um atendimento precário em todos os sentidos não se dissiparão como em um passe de mágica. É chegado o momento de muito trabalho, de muitas modificações, sejam estruturais, sejam pedagógicas. (Pág. 14)

Felizmente, percebe-se um tímido movimento de reação por parte de alguns professores, que cientes da importância do desenvolvimento integral da criança nesta fase da vida, movimentam-se em direção à novas práticas, adequadas à esta demanda da educação infantil.

Mesmo sem ter domínio teórico sobre a documentação pedagógica, percebemos através das entrevistas que as professoras fazem algum tipo de registro, e reconhecem, sua importância para a interpretação da realidade da criança e para a efetivação de um planejamento que contemple as aprendizagens infantis no berçário, compreendendo o bebê como um ser

curioso e competente, protagonista no processo de construção de conhecimentos e saberes.

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS:

O processo de documentação pedagógica ao qual nos aventuramos a compreender, visto que temos experimentado fragmentos deste saber há anos, é muito maior do que simplesmente avaliar as aprendizagens das crianças em pareceres descritivos. É um desafio que buscamos na mesma medida em que queremos uma formação docente coerente com as exigências descritas na legislação educacional e do desejo de fazer da escola um espaço da cultura elaborada, um espaço que permita o ir e vir das crianças em sua curiosidade, elaborações e descobertas.

Por isso, através deste artigo monográfico, sugiro que seja proposta uma formação continuada específica para a educação infantil, através do estreitamento das relações entre a Secretaria de Educação e a UFSM. Assim, poderemos aproveitar os saberes produzidos e aprofundados no Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil, trabalhando diferentes temáticas abordadas no curso com os professores da rede, especialmente a questão da avaliação, e da documentação pedagógica, no sentido de instrumentalizar a construção deste processo nessa rede de ensino.

Aprofundar os estudos da temática avaliação na educação infantil e entender o processo de documentação pedagógica pode significar a verdadeira transformação na educação de crianças de 0 a 2 anos. Observar e compreender quem são os bebês, como pensam e aprendem é fundamental para cunhar novas práticas, que sejam realmente focadas em seu desenvolvimento e desmitificar a questão do papel da escola infantil para estas crianças.

10 - REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, M.C.S e RICHTER, S.R.S. Os bebês interrogam o currículo: as múltiplas linguagens na creche **Educação**, Santa Maria, v. 35, n. 1, p. 85-96, jan./abr. 2010. Disponível em: <http://www.ufsm.br/revistaeducacao>

BARBOSA, M.C.S **Por amor e por força: rotinas na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2006

BARBOSA, M.C.S; FERNANDES, S.B. Uma ferramenta para educar-se e educar de outro modo. *In Revista Pátio - Educação Infantil*. Ano X. nº 30. Jan/Fev 2012.

BRASIL, Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Parecer 20/99**. Brasília: MEC/CNE/CEB, 1999.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC, SEB, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: MEC, 1996.

CAMPOS, M. M. **A mulher, a criança e seus direitos**. Fundação Carlos Chagas, 1999.

FOCHI, P. S. **Mas os bebês fazem o que no berçário, hein? Documentando ações de comunicação, autonomia e saber-fazer de crianças de 6 a 14 meses em um contexto de vida coletiva**. 2013. 172 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – UFRGS – Porto Alegre – RS.

FOCHI, P.S. Princípios de uma pedagogia que narra as experiências das crianças. *IN Revista Pátio – educação infantil*. Ano X. Número 30. Jan/Fev 2012.

FREIRE, Paulo. **A Educação na Cidade**. São Paulo: Cortez, 1991.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HOFFMANN, J. **Avaliação mediadora uma prática em construção da pré-escola a universidade**. Porto Alegre: Mediação, 1993.

HOFFMANN. J. **Avaliação na Educação Infantil - legislação, pesquisas e práticas** Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=hP2DMHpQNJo>, acesso em 12/03/2013.

HORN, M. G. S. **Sabores, cores, sons, aromas. A organização dos espaços na Educação Infantil.** Porto Alegre: Artmed, 2004.

LUCKESI, CC. **Avaliação da aprendizagem escolar.** 10ª ed. São Paulo: Cortez; 2000.

MARLI, E.D.A A. e LUDKE, M. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986.

OLIVEIRA, Z. R. **Educação Infantil: fundamentos e métodos.** São Paulo: Editora Cortez, 2002.

RINALDI, Carla. **Diálogos com Reggio Emilia - Escutar, investigar e aprender** (2012) Paz e Terra. São Paulo.

SABINO, F. **Gente** – crônicas sobre personalidades. São Paulo: Record, 1975

SEVERINO, A. J.. **Metodologia do trabalho científico.** 23 ed. São Paulo, Cortez, 2007.